

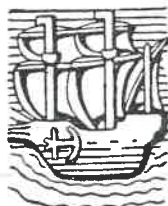


TERRAS DO ALTO-MINHO

DESLUMBRAMENTO — REALIDADES



Conferência realizada pelo
Ex.^{mo} Snr. Dr. ANTÓNIO
LUIZ GOMES, no Salão
Nobre da Câmara Muni-
cipal de Viana do Castelo,
em 26 de Junho de 1954.



1955

EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL
DE VIANA DO CASTELO



FLR23



Terras do Alto-Minho :
Deslumbramento-Realida
des

91(469.111) GOM

BMM

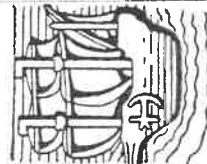
23 BMM-FL

LEITURA
NA BIBLIOTECA

TERRAS DO ALTO-MINHO

DESLUMBRAMENTO — REALIDADES

Conferência realizada pelo
Ex.^{mo} Snr. Dr. ANTÓNIO
LUIZ GOMES, no Salão
Nobre da Câmara Muni-
cipal de Viana do Castelo,
em 26 de Junho de 1954.



1955

EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL
DE VIANA DO CASTELO



PREFÁCIO

IMPÓS o Dr. António Luiz Gomes ao minhoto da Ribeira Lima que sou, o encargo de prefaciá-la esta conferência pronunciada na Câmara Municipal de Viana perante público escolhido e entusiasta. Só a minha qualidade de Limiano e o amor áquelas terras de nascimento e criação o incitaram a tal violência, que eu sei atenuada de todo pela velha amizade. Só a ela devo estes trabalhos em que ora me encontro.

Grato por um lado, intimidado por outro, hesitei em cumprir ordem tão amiga, porque prefaciá-la uma obra do Dr. António Luiz Gomes é, na verdade, ousado atrevimento, que não se compadece com a minha natural discreção á margem do alarido e bulício da República das Letras.

O Dr. António Luiz Gomes é, na sociedade portuguesa, pessoa de relevo que se impôs pelo seu perfil moral e gentileza de carácter, pela sua bondade sem desfalecimentos, pela sua inteligência e cultura. As obras o atestam e documentam.

Outro traço tão característico da sua forte personalidade é o seu gosto pela acção ponderada e persistente que o afasta de um dinamismo que, em vez de aproveitar o tempo, o tritura e cilindra — uma das muitas ilusões da época, que, no afã de fazer, faz perder mais o tempo que ganhá-lo, porque tantas vezes se faz mal o que requeriria acabamento mais perfeito, ou o contrário do que verdadeiramente se devia fazer.

Espírito aberto á curiosidade dos problemas sociais, económicos, históricos e artísticos, de longe, como didacta, se afeiçoou aos ensinamentos da geografia humana, a ciência talvez com mais raízes de poesia, porque estuda e segue num

sentido de amorosa compreensão aqueles caminhos do homem na Terra, entre o sonho de aventura e a luta de fixação e permanência.

É assim que o Dr. António Luiz Gomes, em todos os seus trabalhos, tem sempre presente, e nunca o abandona, o sentido espiritual e cultural do homem no seu trato com o cotidiano e permanente da sua actividade, do seu «fazer», através do que ele imprime desde o fundo dos tempos a sua marca, a sua «sigla» inconfundível.

Terra e Homem, quanta história, gloriosa ou humilde, anda agarrada a estes dois elementos, e quando se trata da Terra portuguesa e do Homem português, quanto sonho e poesia, quanto drama e grandeza, quanta lágrima e tenacidade, como tudo nos vem ao coração ao relembrar a gesta dum Povo e dum Escol, na continuidade dum conviver histórico!

O Povo é o resultado dum formação de séculos. Crenças, hábitos, costumes e usos moldam-lhe a existência colectiva no fluir do tempo. O povo não é massa. A massa é quantidade — expõe-nos lúcidamente Berdiaeff num passo magistral dum das suas obras. A massa caminha para uma fatal despersonalização.

Ora é o Povo Limiano que sai, como se fora medalha de linhas nítidas, das páginas que o Dr. António Luiz Gomes escreveu, aquele povo que se agarra com suas casas de pedra rústica às encostas das serras e montes ou fervilha, laborioso, nas veigas férteis, para onde o atraiu a maior doçura do ar e a riqueza do húmus, arroteando, semeando e colhendo o vinho e os frutos.

Porque, como tive ocasião de dizer certa vez a Mestre

Aquilino, o Minho também tem suas altanarias, com pinca-ros e chãs, donde os nossos olhos colhem, em sonho e contemplação, o desenho das paisagens sem fim, na quietação estática da lonjura...

Quem nos fala dos Montês e Serras do Minho? Porquê esquecidos dos viandantes?

Não é fácil aos turistas apressados desviarem-se das linhas de águas, no seu encanto rumoroso e musical, desdobrando-se na paisagem entre verdes e azuis incomparáveis.

Um conferencista é sempre um dialogador. Senão o fosse, não se estabeleceu a comunicabilidade, a palavra não seria viva, mas letra morta.

Sem diálogo não há verdadeira convivência entre os homens. O homem, mesmo só e ainda que o não queira, dialoga com Deus.

Se eliminarmos o diálogo (será isso possível?) o homem encontrar-se-á perante um sistema de convencionalismos frios e inúteis e insensivelmente cairá numa inautenticidade sonolenta. Onde o homem saído daquela argila luminosa da criação?

Outra coisa não é esta conferência. Sente-se até o fluir dum conversa, no desenrolar de imagens vivas, de evocações, de notas líricas, saltando dum pensamento consuetivo para um comentário exacto, analisando e seriando os factos para lhes extrair a lição própria.

O segredo dum conferencista reside em saber comunicar, em captar esse fio de simpatia humana, a receptividade suspensa no ar.

Esta e outras conferências demonstram as qualidades que advêm dum estilo fluente, vivo, simples quanto elegante,

de efeitos directos sobre o público que gosta de sentir que as palavras, condutoras de ideias e emoções, não se atropelam, mas corram, no seu natural, sem dificuldade.

Como minhoto, não posso deixar de me congratular com esse quadro em que o conferencista nos descreve e pinta a região tão característica do Alto-Minho, na graça das suas paisagens, e no labor dos seus povos, na evocação da sua história e lendas, no pitoresco dos seus costumes e usos, no folguedo das suas romarias (porque não hão-de ser alegres, se não há santos tristes?), nos seus bailados e cantares (quantos poetas minhotos nos velhos cancioneiros!).

Sobretudo, é-me profundamente grato ouvir falar de Viana da Foz do Lima, ao traçar-nos o conferencista o quadro sugestivo da sua vida mercantil e portuária, no seu nascimento de póvoa piscatória até à grandeza do tempo que se seguiu aos descobrimentos e conquistas, chegando à actualidade no plano das iniciativas económicas, a caminho da valorização progressiva dos seus recursos naturais.

Viana conheceu a febre do Atlântico, quando todo Portugal se embarcava para a grande aventura do Mar.

As suas naus sulcaram as ondas exóticas do Pacifico, demandaram as costas do Brasil e da África, conheceram as brumas nórdicas.

Depois, o conferencista evoca os dez concelhos do Alto-Minho, as suas particularidades e características.

Panorama colorido, desenho animado — as palavras movimentam-se, enchem-se de cor e pitoresco, descrevem e pintam, como convém a quadro tão formoso.

Mas nunca sem esquecer o Homem na sua vida de relação, em contacto com a Terra, a paisagem, a natureza.

O Homem com os seus misteres e os seus trabalhos, as suas fadigas e esperanças, o seu esforço e o seu cántico e a sua prece.

O Minhoto reza e canta!

O cancioneiro está cheio de minhotos de Ribeira-Lima, dum troveiro chamado Calheiros a um Feijó, não esquecendo os dois irmãos Bernardes, um que ficou no século e se chamou Diogo, outro que se chamou em Religião Frei Agostinho da Cruz e não será mais esquecido, enquanto se falar português.

Não termino sem citar estas palavras do Dr. António Luiz Gomes:

«Terra que dá o pão de milho, o sustento do pobre e o vinho verde que alegra os espíritos, tem uma função religiosa e humana como outra não há. Trabalha-se a terra para o pão de cada dia, trabalha toda a família.

Da Missa d'Alva às Trindades vida simples, vida de família religiosa. Com tal gente, a terra é bem governada. Tem a beleza duma égloga, grandeza pela intenção, misticismo na forma de viver, religiosidade pelo fim a atingir — viver para sobreviver».

Mais perfeita e lapidar legenda para a minha gente do Minho — viver para sobreviver — não poderia o Dr. António Luiz Gomes encontrar.

Feliz achamento — direi eu, se me consentem o vocábulo tão expressivo de quinhentos.

Carlos Lobo de Oliveira

TERRAS DO ALTO-MINHO

DESLUMBRAMENTO
REALIDADES

Fousadia desmedida vir ao Minho para discursar nesta quadra do ano em que a Natureza e o Povo vivem ao ar livre numa expansão humana e esplendorosa. Bem melhor a atitude de observador silencioso diante deste espectáculo tão belo e cheio de grandeza! O espectáculo renovado da natureza fecunda de possibilidades em harmonioso enlace com o homem que vive o seu sonho de cada dia, na crença sincera da Eternidade!

Pobre palavra minha, para revelar estados de alma! Não menos pobre, bem o sei, para pintar a Natureza nas suas mais belas exteriorizações e descrever a vida do homem, de trabalho, de dificuldades, de conformidade, — vida em suma de profundo sentido religioso.

Mas, dos fracos não reza a história e nesta terra de gente animosa e, por isso mesmo benevolente, afoito-me a dizer-vos o que sei, o que penso e o que sinto.

Não é exagero chamar a esta quadra do ano, o tempo das Romarias.

O povo venera os seus Oragos e associa-os na sua alegria confundindo as Rezas e os Cantares, sem quebra de respeito e de espiritualismo.

O fenómeno não é só nosso — Gilberto Freire em «Aventura e Rotina» observou: — No Mundo os homens

festejam ruidosamente os Santos. Há entre os homens e os Santos a mesma intimidade.

Mas mais em Portugal em que o Cristianismo sempre esteve ligado à vida — à vida doméstica, à cívica, à económica e não apenas à Catedral e à Igreja dos homens.

A Romaria, o Arraial, têm um cunho tão simples, tão íntimo, tão fraterno, que osromeiros convivem ali como numa festa de família. Na realidade, tem razão Adelino Mendes, anda no ar, diluída numa atmosfera de seda, uma alegria inefável, um ruído de vida feliz, vindo da profundidade dos tempos e dos séculos!

Tempos das Romarias — anunciador do Verão — têm nesta quadra dos grandes calores o seu ambiente mais próprio.

Para quê chamar-lhe a idade madura, estio da vida — liberdade de Poetas? Nós, prosadores cem por cento, diremos com convicção — Verão, quadra esplendorosa, de vida estuante, doirada como o Sol e as espigas que vão recolher aos canastros, não tarda!

Tempo dos crepúsculos prolongados — quantas vezes a síntese da vida de tantos — tempo também, da luminosidade mais forte — aquela Luz que em nós próprios não nos cega mas descobre os horizontes longínquos em que se esbate a esperança!

A Terra vai aquecendo progressivamente e cada dia acrescenta ao calor que ficou de reserva aquele que lhe traz o Sol!

É a vida de nós próprios — pelo nosso esforço vamos ficando mais fortes para vencer na vida e nesta realidade que palpamos, uma outra sentimo — o amparo de um conselho daqueles de quem descendemos e a con-

fiança em outras mãos mais fortes, na sucessão das gerações, para aguentarem o facho sagrado desta caminhada heróica, a vida com os olhos em Deus!

Verão, filho do Sol, estação das colheitas, das vindimas e da fartura, eu te saúdo como expressão máxima da fecundidade da Terra, nossa Mãe! Digamos ainda na Lei de Deus, como o Profeta Joel, num magnífico vaticínio — «E as vossas eiras se encherão de trigo e os vossos lagares transbordarão de vinho e de azeite, comereis na abundância e sereis saciados e louvareis o nome do Senhor, Vosso Deus, que fez em vosso favor tantas maravilhas».

Todo este Alto-Minho é um deslumbramento e mal feito fora que alguém aqui viesse sem lhe prestar homenagem, sem lhe prestar obediência, sem dizer em voz alta esta primeira reacção que a Terra, o Mar e a Montanha causam intensamente.

Uma Maravilha, este vosso Alto-Minho e ao descontinuar-lo na beleza sem par de tantos aspectos que aqui e ali nestes dez Concelhos do Distrito de Viana se desenrolam, sinto toda a verdade daquela expansão de alguém: — Deus exagerou! Sim, como prevenir uma beleza como esta, e tanta e tanta que encanta e suavisa a alma, dá ao simples mortal a imagem do Paraíso, um bocado do Céu!

Deus exagerou! Certamente que não por querer compenar em justa medida — se bem que larga — as virtudes de um povo que tem Fé, as qualidades de trabalho, sem conta, peso ou medida, a conformidade com a Sua Divina Vontade.

O Minho é para os Minhotos e assim tal qual — o meio serve e merece os seus habitantes!

A nós que aqui vimos de fugida, o Minho, deslumbramos!! O Minho é «O Jardim de Portugal»!

O Deslumbramento como a Religião, não se partilha — ou está no todo ou afirma-se pela ausência. Mas não será ortodoxo confessar que sentimos este deslumbramento por vários títulos?

Deslumbramos a paisagem, entontece-nos os olhos, imprime carácter esta terra, pelas virtudes e qualidades dos seus habitantes, enche-nos a alma, ilustra-nos o espírito a fé que vive nos nossos corações. Razões tantas, de deslumbramento, meu Deus!

A terra castigada por uma cultura intensiva — que remédio, pois se é tão pouca para tanta gente!... O Mar que em tantos pontos da costa neste Distrito bem fadado trabalha associado à terra e, noutros, dá guarida material à ambição dos Minhotos, conduzindo-os à Terra Nova, aos Brasís, às Américas, à Grã-Bretanha!

As Igrejas e Capelas ali onde mora a nossa Fé, Fé que as amarguras da vida aprofundam e suavizam ao mesmo tempo. As Obras Primas da Literatura de descriptivo, de emoção, de imaginação, que documentam e envaidecem o amor por esta terra!

Todas estas *Marcas* materiais, digamos, de um espiritualismo alicianante e verdadeiro se encontram, florescem, e multiplicam nesta terra bendita do Minho! Louvado Deus!

Perpassa no meu espírito a figura admirável de Frei Bartolomeu dos Mártires, cuja vida é epopeia de Fé contada pela prosa admirável de Frei Luiz de Sousa e resumida pela pena agreste de José Caldas, convocado por um Arcebispo de Braga para escrever o *perfil puramente humano* do seu glorioso antecessor, e pela cul-

tura profunda do Professor e Historiador da Literatura Agostinho de Campos.

Frei Bartolomeu dos Mártires, à vista da tua Inanagem, réplica, quem sabe, da pintura do natural de António Maciel, o vosso grande pintor de antanho, descanso um pouco todas as noites, interrompendo o meu dia de intenso trabalho, e na tua grandeza espartana e santificante encontra a minha alma energias renovadas para viver em cada dia, em actos positivos de fraternidade cristã, uma página do Evangelho!

Frei Bartolomeu, tu que pertencias a uma Ordem que tem por fim convencer e persuadir em matéria do espírito por meio da palavra, santificas-te pelo exemplo e é o exemplo da tua vida de maravilha que perpetua o teu Nome pelos séculos e séculos!

E toda a sua vida de abnegação, modéstia e sacrifício se resume nas suas palavras que são ao mesmo tempo uma Legenda de Santidade bem humana — «Trabalhos busco e aborreço mimos».

Dele se disse em admirável síntese panorâmica da sua vida gloriosa — Mais Santo do que Sábio, mais cândido do que prático, místico ainda, Frei Bartolomeu fica como um símbolo fora do seu tempo.

Estou em Viana e Viana tem Senhoria! Parece que o esqueci não a distinguindo ainda neste animado Serão Provinciano!

Viana do Castelo, a da Rainha D. Maria II, ou Viana da Foz do Lima, ou Viana do Minho, a «notável» de D. Sebastião, é e será sempre Viana, a Viana do Minho, designação de sentido e conteúdo mais lato, e daí, mais verdadeiro, a que não se podem antepor as outras de sentido local ou episódico.

É bem a Capital de um Distrito de antigos pergamINHOS e de larguíssimo futuro!

Nada lhe falta para isso! Situação geográfica excelente, panoramas de maravilha, construção architectónica típica e fidalga!

Só a comparo neste ponto — será mal comparado? — a Évora, e já tive o gosto de o dizer públicamente nessa famosa Cidade-Museu!

Viana é da mesma linha de nobreza deste agredado, tão bela como as suas raparigas de trajes garridos, esmaltada de Palácios misteriosos e singulares que ainda esperam, resistentes ao progresso e materialismo que os denuncia e subjuga, os Senhores dos Séculos XVI, XVII e XVIII que os frequentavam, altaneiros, espectaculars, dispostos a dar a vida por Deus, pelo Rei e pela Pátria ou, às vezes, por um motivo fútil ou uma queixa de amor, — Príncipes de Grã Ventura.

Viana do Castelo, Princesa do Lima, com os seus Palácios de fartos beirais, dos maiores que eu saiba, em terras portuguesas, pode fazer com Évora uma parada architectónica de unidade encantadora e exemplar!

Ambas são Cidades com elementos inconfundíveis e essenciais (carácter, personalidade e beleza), de expressão fisionómica de agregados populacionais de primeira categoria e da melhor estirpe. Fazem-nos recordar na Europa, outras Cidades-Museus — Oxford, Bruges e Veneza!

Viana é, sem favor, um mimo de Arte, de unidade, de nitidez, de beleza. Foi assim que a viu Afrânio Peixoto neste seu admirável breviário de brasileiroismo fundamentalmente português «Viagens na Nossa Terra, Portugal».

Neste meio tão belo, floresceu desde sempre uma

rica vida do espírito e no século XIX três notáveis figuras da nossa História Literária por aqui passaram largo tempo, unindo os seus nomes à história desta cidade.

Camilo, ele só uma Literatura inteira, foi como obscuro Redactor da propecta e respeitável «Aurora do Lima» — émulo de outro Príncipe das Letras, Eça de Queiroz, Redactor único e bem pago do Semanário de Évora quando ali exercia as funções de Secretário do Governo Civil. Neste mesmo burgo, Viana, juntou mais uma estrela à sua coroa de glória, Junqueiro, escrevendo «Os Simples», o mais belo Poema Bucólico da terra e da gente Portuguesa. Os versos da «Moleirinha», escritos nesta terra em 1888, têm a frescura duma manhã de Primavera e a delicadeza de um Cântico virginal! Será exagero dizer que só com os olhos na vossa paisagem e o amor da sua Filomena no coração o glorioso Poeta podia ter escrito versos tão lindos???

Pela estrada plana, toc, toc, toc,
 Guia um jumentinho uma velhinha errante
 Como vão ligeiros ambos a reboque,
 Antes que anoiteça, toc, toc, toc,
 A velhinha atrás, o jumentinho adiante.

Toc, toc, toc, como o burro avança!
 Que prazer d'outora para os olhos meus!
 Minha avó contou-me quando fui criança,
 Que era assim, tal qual, a jumentinha mansa
 Que adorou nas pathas o Menino Deus!

Toc, toc, é noite... Ouvem-se ao longe os sinos,
 Moleirinha branca, branca de luar!
 Toc, toc, e os Astros abrem diamantinos,
 Como estremunhos querubins divinos,
 Os olhitos meigos para a ver passar...

Toc, toc, e vendo sideral tesoiro,
Entre os milhões de Astros o luar sem véu,
O burrico pensa: Quanto milho loiro
Com a mó de jaspe que anda além no Céu.

José Caldas, profundo no conhecimento das línguas mortas, o Grego e o Latim, Auto-didata de génio, tomou para si todas as liberdades, até a de ser injusto com a sua Terra!!!

* * *

Realidades — ou seja a gente e o meio em que vive, as características que uma e outra apresentam e as condições em que a gente se move, geográficas, étnicas e sociais.

São estas as realidades que anunciei e que me proponho tratar, em traços de geografia, de história e de sociologia para esboçar à vossa vista um quadro exacto, rigoroso e humano!

Apresentar-vos-ei elementos dispersos e incompletos por certo, mas fazendo parte de um plano sistemático e servindo todos esses elementos interdependentes, um pensamento orientador.

Fundamentalmente, neste **estudo**, a grande preocupação é o ser humano. Coloco-me na posição de investigador e como tal baseio-me na observação mas não me furto ao gosto de interpretar os fenómenos e factos à luz do meu próprio critério ou da intuição.

O processo nem sempre conduzirá a resultados seguros mas, de certeza, é mais sincero e categórico! Termino sem mais rodeios este exórdio, para fixar o essencial da minha exposição.

Um dia, Kaiserling, no seu primeiro contacto com o Porto, apontou ao Português como principal defeito, a falta de tenacidade, falta de continuidade, mas acrescentou que a tenacidade se revelava de forma explosiva, estava latente, incontida.

A vida do lavrador Minhoto desmente, de certo modo, a classificação do célebre Filósofo, na primeira parte, tão persistente, constante e corajoso é o seu labor! Mas o carácter explosivo da tenacidade latente e incontida tem a sua imagem flagrante na vida e no sucesso do português além fronteiras, designadamente no Brasil.

O homem, aqui, indolente, insatisfeito ou insaciável, exigente e revoltado, transforma-se por completo na terra alheia, afirmando qualidades e virtudes innumeraes. A Chama da Pátria dentro do peito, a **Saudade do cantinho** em que vivia, a ânsia de sofrer e vencer pelos seus, conseguem o milagre! A vida de um é a de todos, epopeia gloriosa dos portugueses de Além-Mar.

Contraria esta maneira de ser o preceito oriental — Trabalhar sempre disposto a sacrificar em qualquer instante o produto do trabalho —, mas é mais nossa, é mais ocidental!

Algumas definições psicológicas do Minhoto são dogmáticas apoiando-se em impressões superficiais ou em bairrismo ou simpatia regionais!

Oliveira Martins define-o como paciente, laborioso, tenaz, persistente e ingénio. Faz parte de uma população abundante, activa, trabalhando a terra húmida e fértil. Compara esta região com a Flandres.

«No meio disto formiga a família. O formigueiro não pode despegar-se da terra, quase se confunde com

ela e com os seus bois, os seus arados e enxadas forma um todo».

Aquilino, no Guia de Portugal, dá-nos estas sínteses pictóricas e psicológicas:—Um clima temperado e uma paisagem afeiçoada às necessidades e ao gosto geram a *beatitude simples*, o contentamento de si e das suas coisas, compenetrado do aspecto risonho da paisagem, sem procurar elevar-se dos problemas da vida corrente, sem ambições, lavrador pertinz no trabalho e cauteloso, senão desconfiado, parcimonioso, senão avarento, e de uma mansidão que vai dar à timidez.

António Arroio, espírito cintilante e perspicaz, recorda que Frei Luiz de Sousa falava na *desconfiança* do Minhoto e considera-o humilde, resignado, sofredor e, por isso mesmo, timorato e precavido.

Mas no Minhoto, sente-se que quem ele *admira* é a *Mulher!*

Dentro da nossa Sociedade, afirma António Arroio, é a única mulher que consegue igualar-se ao homem e não sabe ser ociosa. É daquele humor que a Escritura Sagrada chama *forte*. Toda aplicada ao *grangeio da casa* portas a dentro como o homem fora!

Estrangeiros ilustres encantam-se com o Minho. Lord Carnarvon não viu nada mais adorável e exalta o bom senso, a beleza e a animação dos camponeses minhotos.

O alemão Lemk já no Século XVIII lhe chamou «Os melhores do Reino».

O Professor Mendes Correia na sua obra «Da Raça e do Espírito» aponta os Minhotos como muito alegres, bons e industriosos, e fala na multidão dos problemas que envolve a questão da influência do meio físico,

particularmente do clima e da paisagem, nas qualidades psicológicas das populações.

São afirmativos desta tese Oliveira Martins, Montesquieu, Werder, Buckle e outros.

Antes Brunhes, moderado, defende na sua Geografia da História que a psicologia humana não surge como uma consequência do meio, constitui apenas *um agente geográfico*.

Seja o que seja, ser Minhoto é motivo pessoal de orgulho, a sua Terra é o Berço da Nacionalidade. Mas ser do Alto-Minho, pelos tempos fora, é ocupar no quadrado que forma, no instinto da defesa, a Pátria Portuguesa, o lado mais vulnerável geograficamente e daí, do maior perigo, da Nação que criou ela própria as suas fronteiras!

Também, assim, nesta Província surgiu um escol de homens ilustres, o mais rico proporcionalmente em relação às outras Províncias. Leiam Mendes Correia na «Introdução à Antropografia» (a distribuição geográfica dos homens superiores—Revue Antropologique).

Na mesma linha das coisas superiores, o Minho é, inversamente, um dos Distritos de menor criminalidade.

A música e as Cantigas são, também, uma *fala* do povo e fazem parte da paisagem!

Nos Tempos Modernos, as Tradições não esquecem!!!

Na Grande Guerra, o Minho encheu-se de Glória, com a sua Brigada constituída quase inteiramente por Minhotos. Que o digam na sua modestia e franqueza os Heróis General Barbosa, seu Comandante, e Coronel Xavier da Costa, o primeiro grande mutilado da Guerra.

O braço trabalha a terra. O espírito orienta-o, a coragem fortalece-o. A Fé ilumina-o—símbiose sublime

de grandes sentimentos, invulneráveis ao desgaste do tempo e às vicissitudes dos homens!

Na Galeria dos Varões Ilustres que partiram primeiro lembro, *João Alvares Fagundes*, o Capitão da Terra Nova, como o Comandante Gervásio Leite nos descreve, esse célebre navegador do Século XVI que nasceu em plena época dos Descobrimentos e morreu pobre e cheio de dívidas.

Quis desmentir com o seu desinteresse a lenda de que os Nossos Navegadores olhavam mais ao interesse material das suas façanhas.

Bernardino António Gomes que confundiu o seu nome com o do Filho, ambos cientistas ilustres, Autor de escritos traduzidos em francês e inglês; o Professor Ilídio do Vale, Araújo e Gama e José Maria Rodrigues, Mestres famosos das Universidades Portuguesas e Reitores, ao mesmo tempo, dos três únicos Liceus centrais do país; Cardeal Saraiva, de rara inteligência e saber; Professor Doutor Luciano Pereira da Silva, autor de «A Astronomia dos Lusíadas» que o consagrou; Coronel Gonçalo Coelho de Araújo, Governador de Vila Nova de Cerveira nas Guerras da Independência; os políticos animosos e decididos Manuel Afonso Espregueira, Engenheiro Militar Vasconcelos Porto, Conselheiro J. Malheiro Reimão, Mestre do Foro, que enchem a história Política da Resistência dos últimos tempos da Monarquia; o Conde da Carreira, cujas cartas e relatórios ainda hoje assinalam um grande diplomata, Pedro do Campo Tourinho, Donatário e Capitão de Porto Seguro, nobre muito visto na arte de marcar, que vende os seus bens para armar uma Caravela, notável como organizador!

Apesar de tudo, conheceu a adversidade!

Diogo Alvares — o Caramuru prisioneiro de índios antropófagos, vem a ser um Chefe. Que bela aventura de amor a sua vida, e de amor nostálgico a Portugal! O médico e escritor empolgante Dr. José Augusto Vieira, autor do «Minho Pitoresco», obra notabilíssima cuja reedição, quase decorrido um século do seu aparecimento, se impõe. Tito Fontes, o maior clínico do Porto no princípio deste Século, que veio terminar os seus dias na Quinta da Gandra, de Valença, — o seu último amor. O Presidente Professor Sidónio Pais, a cuja espada vibrante e destemida a Pátria confiou os seus destinos num ano fugaz de esperança, de perturbação e de ardente nacionalismo. General Pimenta de Castro, serenidade intrépida e dignidade combativa. O Académico F. Teixeira de Queirós, Chefe da Escola do Bucolismo na Literatura Portuguesa. João Allen, homem de negócios, admirável coleccionador de coisas de arte e fundador de um Museu cujas preciosas Colecções ainda hoje categorizam o Museu Nacional de Soares dos Reis, em que estão integradas. O notável cirurgião do Século XVIII Manuel Gomes de Lima Herrera. O Juiz Conselheiro Pinto Osório, protótipo de um grande Magistrado, sério, afável, culto, enérgico, reflectido, decidido e corajoso; a nobre função de julgar confundiu-se realmente com a Pedagogia. Teófilo Carneiro, poeta e escritor exímio, advogado distinto e abnegado, aquele que reuniu a unanimidade dos sufrágios da Academia do meu tempo, — impulsiva, descoordenada e vacillante!

Resenha incompleta e sem preocupações de verbe-tagem, de uma geração de gente ilustre, devotada e emotiva. Destaquei estes nomes mais talvez por viverem

estritamente ligados à minha noção rebelde da grandeza dos homens, grandeza que verdadeiramente só aceito quando intérprete e expoente da multidão que os viu nascer e os preparou para a Glória! Insensível, imponderável, inconsequente, embora!, mas intervenção real e decisiva da multidão na vida famosa das *peessoas célebres*.

No Minho, apetece viver de vagar como disse, em expressão feliz e a propósito, o Conde de Aurora, *Minhoto de gema!*

Tudo que nos cerca *ajuda* a viver e a viver com alegria. A terra é produtiva, o Mar trabalha lado a lado, o povo canta e reza, a música anda no ar e as cores são combinadas nos trajés e nos campos, como se um Artista de génio, um artista de gosto — gosto sem mais nada que é o verdadeiro gosto! — presidisse a tudo, na sua oficina monumental, a Natureza inteira. É na Natureza, ao ar livre, que no Minho está, de certeza, a verdadeira Arte.

Distrito de dez Concelhos, a própria população total está por eles bem distribuída. Não fazem grande diferença e são iguais na beleza panorâmica, nas qualidades do povo e nas possibilidades futuras.

São verdadeiramente *terras para levar e durar*, são irmãs.

Monção, a Heróica na defesa da Praça, os seus episódios do Século XIV e do Século XVII, imortalizam-na para sempre. Mortos, de pé!?

Resistindo ao primeiro cerco, pela astúcia de Deu-la-Deu ou rendendo-se com todas as honras, no Século XVII, as suas façanhas são das maiores e mais belas da História Portuguesa.

Heróis de Monção, Heróis da terra inteira de Portugal!

E terra tão bela, tão forte, tão saborosa pelos seus preciosos produtos e piteus, preparados no «Vaticano» e aqui e ali, como não sabia melhor o afamado e evangélico Abade de Priscos, que cozinhou para o próprio Rei, o Senhor D. Luiz!

Ponte da Barca — aquela terra de Castelos Roqueiros onde pousou D. Manuel I a caminho de Compostela; já lhe chamaram aristocrata e bárbara. Concelho encantador, mas a principal formosura reside na vila.

Ponte do Lima, rica de panoramas, rica de Solares, da Coroa e realenga desde sempre. Mas amarável por excelência, a suave terra de Diogo Bernardes.

Valença — terra cuja fundação se perde na imensidade do tempo, Praça Forte, a segunda do País, do sistema Vauban, faz quarto de sentinela com a sua émula do Alentejo, Elvas. Nesse *tabuleiro caprichoso* todo esse quarto de sentinela de uma vida resumida da Nacionalidade, se passou!

Foram-se os soldados e as armas mas as pedras da vetusta fortaleza tomaram para si o honroso encargo. Do Baluarte do Socorro, naquele mesmo sítio em que largos anos envelheceu uma peça da esquecida artilharia de campanha, o eco responde nas noites de vigília — para Tuy chego eu!!

E lá longe, no Convento de Friestas, restaurado mas deserto, por detrás de um bosque, como o viu o Professor Abel Salazar em «Digressões por Portugal»,

saudoso dos frades que o habitaram e da Velha Universidade de Coimbra, Sua Donatária, fronteiro à Galiza, «uma grande tristeza cai sobre tudo, no silêncio frio da solidão».

Valença — sede do Bispado de Ceuta que daqui foi transferido para Olivença, — coincidências e curiosidades da História! A Cadeira Episcopal da Igreja de S. Estêvão é a única Relíquia desse passo da Vida Religiosa desta terra hierática e solene. Próxima, a Cadeira do Rei Carlos Alberto, outra relíquia e símbolo da hospitalidade portuguesa.

No interior das muralhas, de ruas estreitas e praças minúsculas, a vida lenta e silenciosa decorre. Mas fora, um agregado novo se fixou e desenvolve, com olhos postos no futuro. A Vila Velha é o seu Ex-Libris!

Cerveira — enobrecida pela sua intervenção quando das Invasões Francesas e na Guerra da Restauração, o Primeiro Viscondado do Reino, por mercê de D. Afonso V, tão bela e risonha, não basta para o coração de um seu filho, Manuel Lebrão, que ali ergueu uma obra de bem fazer maior que ela — Verdadeira Casa de S. Martinho da Vizinhança.

Caminha — fascinação de terra e água lhe chamou José Augusto Vieira. Mas nem tudo é fascinação dos sentidos nos limites deste Concelho pois nele se situa o maior empreendimento positivo, o Pinhal de Camaride, primeiro acto de D. Diniz, para firmar uma política económica iniciada pelo Pai, o grande Rei D. Afonso III — e cujas bases perduram ainda nos nossos dias!

A Vila, donairoso e agradável, tem nos seus Monumentos, Residências Senhoriais e da gente da Vila e no traçado das Ruas e Largos, a marca da prosperidade passada e da grandeza que despertou.

Arcos — vegetação e água na paisagem, vinho verde na mesa e nas adegas, religião e lendas nos espíritos — síntese virgiliana deste Concelho — o mais luxuriante e mais silvestre!

Paredes de Coura — o coração do Distrito pela sua situação, acidentado como é, oferece panoramas lindíssimos que aproximaria da Suíssa se não receasse a acuidade de mau português com esta comparação!

São estas as suas características — celeiro do Alto-Minho, onde o ar é puro e as águas abundantes, fertilidade espantosa, os costumes simples, gente viva e afável, enérgica, activa, laboriosa, eminentemente hospitaleira!

Melgaço — mais perto de Espanha, na fronteira terrestre de Portugal, com recantos de vida mais isolada — as Terras de Barroso — uma Pátria dentro da Pátria, forçados os seus habitantes a bastarem-se a si próprios, e tipo de Cidade antiga de Fustel e Coulanges, é das terras portuguesas mais típicas e características. Dialecto, usos e costumes, habitação, alimentação, hábitos e ocupação de um Portugal à parte, mas Portugal continuamente português, apesar de ser mais fácil em alguns pontos ir a Espanha — para vir a Portugal.

De um sub-solo tão rico e poderoso que afronta o próprio Deus, fazendo com as suas águas curas maravi-

lhosas. Terra tão boa e acolhedora que até destruiu as suas muralhas para mais facilmente abraçar os viajantes que a demandam.

Falar do Minho sob o aspecto económico é falar de agricultura principalmente.

Esta agricultura no Minho tem o seu quê de particular e levanta um problema assás complexo.

Mesmo sem o aprofundar não é possível deixar de levar em conta a influência dos factores resultantes do regime de propriedade, da forte densidade da população, da irregularidade do clima, da rotina dos processos usados pelos agricultores. É o que pensa o Engenheiro Luiz Quartim Graça, antigo Subsecretário de Estado da Agricultura, grande Autoridade.

Terra que dá o pão de milho, o sustento do pobre, e o vinho verde que alegra os espíritos, tem uma função religiosa e humana como outra não há. Trabalha-se a terra para o pão nosso de cada dia, trabalha toda a família de sol a sol. Da Missa d'Alva às Trindades — vida simples, vida de família, vida religiosa. Com tal gente, a terra é bem governada.

Tem a beleza de uma égloga, grandeza pela intenção, misticismo na forma de viver, religiosidade pelo fim a atingir — viver para sobreviver.

A fragmentação é uma das características da propriedade do Minho, mas na opinião autorizada de Alberto Sampaio «não era a lei que impunha — a fragmentação ou alienação parcial — nem de nenhum modo obrigava o co-herdeiro à indivisão.» É de notar que muito cedo a Legislação Romana permitiu a mobilização dos bens imóveis.

A fragmentação resullava e veio até aos nossos dias como um mal necessário ou lógico derivado do fenómeno da sobrepopulação de um território escasso. A este motivo juntou-se o da divisão forçada por motivo de Inventário, consequência a que no Minho se opôs forte barreira pelo uso de encabeçamento do casal paterno no filho mais velho — a terça ou a meação pelo actual regime do Código Civil — compensando os outros a dinheiro.

O sistema funciona como um poderoso elemento de fixação do homem à terra e de resistente tradicionalismo económico-social! O imperativo das realidades levou o Legislador moderno a deter a fragmentação proibindo, em 1928, as transacções de prédios de menos de um hectare e já o Código Civil criou preceitos para reunir a propriedade num único titular, procurando fazer desaparecer a indivisão.

Oliveira Martins dizia que a vida é uma luta mas da soma de todas as lutas pode sair, às vezes, uma resultante *de fortuna!*

É assim no Minho, em que o trabalhador labuta o mais que pode e mais do que pode é da poupança (quase sempre à custa do necessário), compra mais uma bouça, uma junta de bois, uma vaca leiteira, umas arreadas e um cordão de ouro para a mulher e para a filha casadoira! — pequenos actos simples, propósitos e amoráveis, um sistema de economia familiar em pleno funcionamento e vem de longe!

Que luta insana a desta boa gente!!!

Esta vida em forte comunhão, comunhão de sacrificios, de ideal e de consciência, torna a vida mais bela,

mais séria, mais construtiva. É, também, a forma de fazer nascer em cada um *um nacionalismo*, um portugesismo bem sincero, tanto mais ingénuo quanto espontâneo!

Saber porque se ama e quer a Portugal e em que consiste o amor que lhe votamos, acentua o sábio Professor Joaquim de Carvalho, não são coisas tão óbvias e simples como à primeira vista parece.

Começa porque, não devendo cada um ter uma ideia pessoal do *seu portugesismo*, é vulgar não coincidirem os portugueses na sua concepção acerca de Portugal.

Os portugueses de elevado plano de cultura, entenda-se, porque na generalidade o sentimento de Pátria tem um fundo local e familiar e como tal é compreendido sem dificuldade.

Na região de Ovar, o povo fala do Mar que abrange com os olhos, como se lhe pertencesse, *é o nosso mar*, e corre a lenda aqui no Norte que pescadores da Póvoa exclamaram ao ser interpelados no Alto-Mar, quando a jovem Rainha D. Maria Pia demandava a costa portuguesa, se eram portugueses, declinaram a sua qualidade não de portugueses mas de poveiros!

Sem este *patriotismo localista*, ensina Joaquim de Carvalho, fortemente impregnado de sentimentos familiares, não se compreende a *persistência* do nosso espírito nacional.

Este sentimento tem na sua estrutura três componentes fundamentais: a constância multi-secular, o subtracção afectivo e a tendência saudosista. O Patriotismo sentido pela grande maioria dos Portugueses ou seja a emoção polarizada em torno da Terra Natal e que se

nutre do conjunto de sentimentos inerentes ao agregado familiar, tem assim a mais veneranda ascendência.

Diz Ribeiro Couto: — «Se o português não tivesse os olhos da nostalgia sempre voltados para a paisagem do seu Concelho, para o Largo matriz da sua Vila, para o Mar tempestuoso da sua Costa, e se lá não tivesse deixado «a sua Mãe velhinha»; se ele não fosse, como tipo de carácter humano, o exemplo do indivíduo fiel ao seu chão, ao seu sangue e à tradição particular da sua cultura, não veríamos hoje, espalhados em desertos areais ou níveis florestas, esses poiais de pedra, essas paredes de adobe, essas austeras ruínas de fortins e conventos que reproduzem exactamente fortins e conventos de Portugal.»

«O espírito de ausência é que os criou.»

Sente-se mais intimamente no Minho que, no povo, a compenetração com a Natureza é espontânea e íntima.

É para a gente do Norte, tão perto vivem uns dos outros em todo o sentido, entre *niver* e *convíver* não há, praticamente distinção.

Na sua vida predominam as razões de coração e há uma forte tendência para *humanizarem* tudo que os cerca, o meio físico, numa palavra!

Soam-me aos ouvidos, os versos desse genial intérprete da vida rústica: — Teixeira de Pascoais —

«Cada folha que tombava
Era uma alma que subia!...»

A terceira componente que entra na constituição do nosso sentimento patriótico, é a Saudade.

Saudade que se manifesta pelo contraste do presente que se vive com o passado que se viveu e existe-se pela presença espiritual da ausência que se perdeu.

Este estado de alma não é *rigorosamente* privilegiado dos portugueses mas tem para nós um sabor agradável especial — é aquele acerbo espinho, na definição poética de Garrett.

«Saudade» foi o nome que a Rainha D. Catarina de Inglaterra escolheu para a Caravela que teve de armar. Era a presença viva no seu peito da terra portuguesa.

É tempo de resumir quanto disse sobre o Minho para fixar ideias e para contribuir, se possível, para o conhecermos melhor.

Para José Augusto Vieira, o Tabernáculo Sagrado das nossas tradições étnicas, cultivador da terra na tranquilidade bucólica da paz, amoroso de raça, emigrador e fecundo por questões do meio.

Eliseu Reclus, na sua «Geografia Universal» que o consagrou, confirma este juízo: — considerando os Minhosos os melhores habitantes de Portugal, pela sua doçura de carácter e pela sua alegria e cordialidade. Pelas condições topográficas e de clima, um viveiro intensíssimo da *planta humana*. Laborioso e assíduo cultiva a terra com uma grande solicitude amorosa.

Os traços de História e de Geografia desta região famosa que vos apresentei com franqueza podem pecar, à primeira vista, pelo seu carácter impressionista. Quis tirar a prova e o resultado encorajou-me. Disse-vos a verdade. As minhas impressões e conceitos aparecem rigorosamente confirmadas por um autor moderno, que

não é do Minho e rege Cadeira na Universidade de Coimbra, o Doutor em Letras Jorge Dias.

Este trabalho, tese apresentada ao Congresso Internacional de Geografia de Lisboa, (1949), é fundamental para o conhecimento da Geografia Geral e Humana da vossa querida Província.

Tenho prazer e é meu dever referir-me a algumas passagens principais. No conjunto regional de que o Porto é o Centro, distinguem-se tradicionalmente (opondo-se pelo seu relevo, clima e economia), o Minho, Traz-os-Montes e Alto-Douro.

As diferenças de relevo são essenciais porque determinam as diferenças de clima e as da economia.

O Minho pode ser considerado um vasto anfiteatro voltado para o Atlântico de que resultam as principais características climatéricas. A influência do Atlântico faz-se sentir em toda a região.

A paisagem verdejante do Minho sucede, no interior, a monotonia de Traz-os-Montes. O manto vegetal apresenta no Minho uma conformidade que a própria altitude não modifica sensivelmente.

Mas o homem destruiu o equilíbrio primitivo pela destruição das Florestas e pela introdução de plantas cultivadas.

Há um século, o Minho era coberto de Carvalhos e de Castanheiros. Hoje não se encontra aquela árvore e esta tornou-se muita rara apesar de ter tido na antiguidade um grande papel até para a alimentação. Todo este arvoredo está substituído pelo Pinheiro Marítimo que é um dos traços mais salientes da paisagem Minhota.

O Minho distingue-se de todas as outras regiões pela paisagem física, pela agricultura, a densidade muito elevada da população e actividade industrial em parte

derivada dos produtos naturais que são transformados, designadamente as madeiras.

A mulher intervém largamente nos trabalhos de campo e no Mar (as sargaceiras de Aver-o-Mar são um exemplo que não esquece) e é de capital importância no meio económico.

Há terras, como Afife, em que só lavram as mulheres; os homens foram entregar-se *a um officio*, por longe.

Região muito povoada desde séculos resolve em parte o seu problema pela emigração. A terra expulsa uma parte da população que não pode sustentar, é cruel. Surge o drama da emigração a que alguns já chamaram ignomínia. Mas de tantos que saem os que triunfam vêm fazer prosperar a Terra Mãe e dar à família melhores condições de vida. O mesmo é dizer que influem favoravelmente na nossa vida económica.

Os beneficos à vista, que impõem ao meio em que vivem e os reflexos nas localidades de economia limitada, são sensíveis — é o dinheiro do Brasil em grande parte e hoje também da Venezuela que os proporciona; bendita seja esta riqueza amealhada com sacrificio e aplicada em investimentos produtivos e valiosos de ordem familiar e colectiva.

Há genle do campo que não o cultiva porque se deu *aos officios* em que é *exímia* — os pedreiros, os pintores, todos os operários de construção civil estão neste número. Vão para fora da sua Freguesia ou Concelho sabe Deus até onde — espalham-se por todo o Portugal e muitos se fixam no Centro e até no extremo Sul!

A trabalhar o granito e a pintar e a decorar os tetos são afamados e de toda a parte os chamam por isso. Na região de Aveiro, seio-o de ciência certa, as melhores casas de Portugueses do Brasil, tinham os seus

tetos vistosos, tanto a seu gosto, obra dos estucadores de Afife.

Outra situação típica neste Distrito, à beira-mar, é a da gente trabalhar na *terra* e no *mar!!!*

Pé não campo e pé na água fazem o mesmo que a gente de costa a costa, em especial as dos Distritos de Aveiro, Coimbra e Leiria. Exploram o Mar para ajudar a cultivar a terra e esta colaboração é importante e imprescindível.

De Monção aos Arcos, a estrada permite surpreender dois aspectos da região. Nos vales, a cultura clássica do vinho — as vinhas grimpantes e os campos de milho em terraços.

Lá para o Nascente pratica-se uma economia *mais pastoril*. A medida que se desce para os Arcos a paisagem torna-se caracteristicamente do Minho — a cultura e a população são mais densas.

Golpe de vista morfológico.

Do Norte ao Sul pode-se distinguir, separadas, grosso modo, pelo Vale do Cávado, duas regiões bem diferenciadas.

Ao Norte encontram-se *os restos* bem conservados de velhas superfícies e de toda a parte a Montanha comprime os vales. Ao Sul domina uma paisagem mais aberta. Como se explica a diferença?

No Norte há uma rede bastante preguiçosa de fraturas vigorosas que obriga a tomar duas direcções principais.

O Cávado, o Lima, o Minho, perfeitamente paralelos, são atravessados por duas fraturas quase perpendiculares à sua direcção — Monção, Arcos — Vila Verde e Valença — Ponte do Lima, os dois prolongando-se na

Galiza. Pelo contrário, no Baixo Minho, a rede hidrográfica é constituída por cursos de água muito mais numerosos e menos importantes.

A vida rural.

No Minho, a terra não conhece repouso. Há dois tipos de exploração, o *do fundo dos vales* e o *das costas* pouco elevadas e o do cimo das colinas e das montanhas.

A paisagem é verdejante e cortada de águas, ou dotada de poços ou moinhos. É na ampla bacia destes vales que se encontram os melhores terrenos de cultura. As árvores não estão agrupadas em bosques ou matas. A vinha grimpante é muito antiga (Século XIV) e os cachos que amadurecem entre a folhagem, longe de irradiações de Sol, em clima húmido e chuvoso, produzem um vinho muito fraco em alcool — o vinho verde. Esta maneira de cultivar tem a vantagem de não ocupar espaço e deixar a terra livre para os cereais.

O milho, introduzido no Século XVII, produziu uma verdadeira revolução. A cultura intensiva do milho só é possível com a combinação da agricultura com a criação do gado que dá o estrume!

A população é sóbria, activa e alegre. Procura qualquer nesga de terreno para semear milho ou plantar couves.

A região foi, durante o tempo antigo, campo de batalhas e ainda conserva a recordação das que a destroçaram.

Estou no termo da minha dissertação e reconheço que nada vos disse de novo! Limitei-me, como Giner de los Rios, a fazer *um relato sensível* das Terras do Alto-

-Minho — apresentei-vos estas terras tal como as vêem os meus olhos e as sente o meu coração, e para lhes querer mais debrucei sobre elas a minha atenção.

A minha palavra é pobre, bem o sei, mas para que melhor se a usei para dizer a Verdade e fui sincero!? A causa está ganha!!!

Considerai apenas o conteúdo das minhas palavras, exacto, rigoroso, fundamentado, e podereis acompanhar-me em algumas reflexões e conclusões finais:

- 1) — O Minhoto tem em alto grau aquela qualidade que, segundo Schopenhauer, é a única que distingue os homens — a presença da vontade.
- 2) — O Minhoto tem a consciência de si mesmo de que fala Bischoff.
- 3) — No casal minhoto, o trabalho, o maior da família e a Fé em Deus confundem-se com o próprio ser.
- 4) — A mulher tem no meio económico familiar um papel primacial juntamente com o homem, chefe de família.
- 5) — O patriotismo do Minhoto é indestrutível exactamente porque mergulha as suas raízes na tradição e na família.
- 6) — A obra de cada geração transmite-se às gerações que se lhe seguem porque cada um, pelos tempos fora, trabalha com essa preocupação. O passado não morreu mas o dia de Hoje é o mundo de Amanhã! (O Aqueduto de Évora levou 100 anos a fazer — exemplificação desta verdade!).
- 7) — O trabalho de cada dia é um acto de Fé.
- 8) — Junto ou próximo de grandes aglomerados, como Viana do Castelo, Barcelos, Vila do Conde, havia povoações de idade antiga ou pré-histórica. A desco-

berta é uma obra da Arqueologia militante, fundada na enxada e nas ruínas!

9) — Em face da colaboração do Mar com a Terra na agricultura e a senda dos Descobrimentos, pode dizer-se, com Afrânio Peixoto, a praia solícita Portugal e chamou-a à sua vocação, o *Oceano*.

10) — O Minho é *uma povoação seguida*, pois as aldeias sucedem-se umas às outras.

11) — Viana — Cidade da surpresa e sugestão — deve um monumento numa das suas Praças a João Lopes, o Velho, e a João Lopes, o Moço, Mestres Quinhentistas que na frase feliz de Artur Maciel, deram beleza eterna às pedras que são orgulho de Viana e duradouro exemplo para os Vianenses.

12) — O Porto de Viana teve uma importante exportação no Século XVIII em mantimentos, lanifícios, produções da Ásia, vários géneros para o Rio de Janeiro, Ilha Terceira, Grã-Bretanha, Hamburgo, e importou da Grã-Bretanha, Suécia e Génova.

(Os preciosos livros originais da respectiva escrita estão avaramente guardados no Instituto Nacional de Estatística e na Biblioteca do Palácio Nacional da Ajuda).

— Interessava, por certo, fotocopiá-los para o Arquivo Municipal de Viana. Em contos de reis era pouca coisa: 11.064\$330 (exportação) e 34.865\$742 (importação). Sempre pecha nossa, fomos subsidiários do estrangeiro e sofremos de uma balança comercial desequilibrada!!

A minha pena, pobre e soberba, como dizia Garrett, teima em abusar da vossa benevolência e o meu espírito procura palavras para exprimir os meus sentimentos e entusiástica admiração por esta Terra.

Apetece-me dizer, parafraseando Pascal, que o homem aqui deseja ser *como a Humanidade que vive*

sempre, e tentei mostrar-vos que nestas terras só se é Português de coração e inteligência por livre escolha dos sentimentos e por força da razão.

Quanto a mim, quase me sinto Minioto, por Amor e Criação, tão fundas e reconfortantes são as recordações do tempo que aqui vivi — cinco anos de ventura e de sonho — promovendo e requerendo Justiça como Magistrado do Ministério Público e Advogado, na Comarca de Valença!

Valenciano Honorário sou-o de verdade, eleito pelo consenso generoso de tantos que até junto de mim têm trazido uma palavra de amizade ou de confiança aos meus pobres préstimos!

Não receei atravessar o Lima aproveitando a cómoda Ponte do Imortal Eiffel, que meu Pai conheceu no Porto, ambos moços, quando ele aqui veio construir a Ponte de D. Luiz; para mim o Lima será sempre o Rio do esquecimento da perfídia, da injustiça e da ingratidão mas não do esquecimento dos pátrios lares, como receavam os soldados romanos!

Quando os meus olhos o avistam, sinto-me no tempo da minha Mocidade distante e renovado no meu peito o sentimento da solidariedade com os homens e da confiança em Deus!, para perseverar na prática da Justiça e do Bem!

Não podiam ser outros os meus sentimentos, habitante da «Cidade Nova» em cuja construção tive a felicidade de participar ao lado de Salazar, portador de mais certezas e optimismo!

Termino como principiei.

Vim dizer-vos o que sei, o que penso e o que

sinto, — esse prazer custoso de que fala Anatole France,
mas vivo demais para que se renuncie a ele!!!

De pé, Nobres Senhores de Viana, devotada gente
do Minho, meus saudosos Patrícios de Valença, a com-
bater o bom combate pela ideia pura!!!

Junho de 1954.